

O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO COMO FATOR CONTRIBUINTE PARA ESTIGMATIZAÇÃO ENTRE OS BAIRROS 13 DE JULHO E SANTA MARIA

ALMEIDA, Léa Bruna Costa

gondyelea@hotmail.com

TAVARES, Edilza dos Anjos Costa

edilza_anjo@yahoo.com.br

DANTAS, Valéria Damasceno

valeriaddantas@gmail.com

GALLY, Christianne de Menezes. (orientadora)

Graduada em Letras-Português, Mestre em História da Educação, professora adjunta III do curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT, revisora da Universidade Aberta do Brasil e doutoranda em Língua Portuguesa (PUC-SP).

RESUMO

A pesquisa trata sobre a questão do preconceito lingüístico. Nossa pesquisa teve como objeto as comunidades da cidade de Aracaju dos bairros Santa Maria (constituída majoritariamente por pessoas de baixo poder aquisitivo) e 13 de Julho (constituído pela classe média alta). Sabendo dos diferentes modos de vida dos moradores das duas localidades, fomos em busca de algo que favorecesse a existência do preconceito lingüístico acerca dos falares que denominam o grau de estudo como também o poder de aquisição de cada tipo de falante.

Palavras – chave: Preconceito lingüístico, língua portuguesa, exclusão social.

ABSTRACT

The research treats on the question of the linguistic preconception. Our research had as object the communities of the city of Aracaju of the quarters Saint Maria (constituted mainly for people of low purchasing power) and 13 of July (constituted of the high middle class). Knowing in the different ways of life of the inhabitants of the two localities, we were in search of that favored the existence of the linguistic preconception concerning speeches that call the study degree as also the power of acquisition of each type of falante.

Words - key: Linguistic preconception, Portuguese language, social exclusion.

INTRODUÇÃO

Segundo Saussure (1857), as principais dicotomias para o desenvolvimento do estruturalismo no século XX são: língua x fala (a língua é o objeto da lingüística diferente da fala que é um ato individual e está sujeito a fatores externos); sincronia X diacronia (estudo descritivo da lingüística diferente do estudo da lingüística histórica); sintagma x paradigma (não existe a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo x “banco de reservas” da língua fazendo com que suas unidades se oponham, pois, uma exclui a outra); significante x significado (cadeia de sons x plano de conteúdo); e língua x fala:

Através da oposição entre língua e fala, Saussure situa o caráter social e essencial da língua da linguagem na língua; reservando à fala o lado individual e secundário. Com isto Saussure, retoma e desenvolve a idéia de Whitney de que a língua é uma instituição social. Um dos aspectos fundamentais desse desenvolvido é o da relação entre língua, instituição social, individual falante” (LUCCHESI, 2004, P.45-46.)

O preconceito lingüístico atinge a sociedade, muitas vezes alimentado pela mídia e até mesmo em livros e manuais. Para Bagno (1999) é bom e de muita importância que se faça a observação de que quando frases do tipo “não se aprende português” são ditas perante indivíduos que tiveram pouca ou nenhuma chance de freqüentar escolas, provoca

um sentimento de repulsa pela língua materna e o distancia da aprendizagem e portanto da sociedade.

“Na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de L em R nos encontros consonantais como em Cráudia, chicrete, praca, broco, pranta é tremendamente estigmatizada e às vezes é considerada até como um sinal do “atraso mental” das pessoas que falam assim. Ora, estudando cientificamente a questão é fácil descobrir que não estamos diante de um traço de “atraso mental” dos falantes “ignorantes” do português, mas simplesmente de um *fenômeno fonético* que contribuiu para a formação da própria língua portuguesa padrão”(BAGNO,1999, p.40).

Nesse trecho do livro, o autor trata da mentira de que as pessoas sem instrução falam tudo errado. Trazendo para o objeto da pesquisa realizada, é comum encontrar grandes variações da língua dita padrão do cotidiano dos falantes da comunidade Santa Maria. É claro que poucos têm a oportunidade de freqüentar a escola, por diversos motivos, por isso, muitas vezes são estigmatizados.

É mito também, indicar locais e dizer que ali é que se fala bem o português, nesse âmbito está o bairro 13 de julho, visto como o bairro de “barões”. Sobre este aspecto BAGNO diz:

“É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor “ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre pessoas que as falam”. (BAGNO, 1999, p.51)

As questões educacionais são realmente fatores que designam e definem a diversidade de falantes do português. Segundo LEITE e CALLOU(2002)pode-se perceber a confusão causada pelos vários tipos de pronúncia. Qual será o correto? Cada região ou cidade defende sua tese, porém, são discussões que nunca chegarão a um consenso. Para os mesmos ainda é ressaltado que:

A variação existente hoje no português do Brasil, que nos permite reconhecer uma pluralidade de falares, é fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos da nossa história. São fatos dessa natureza que demonstram que não se pode pensar no uso de uma língua em termos de “certo” e “errado” e em variante regional “melhor” ou “pior”, “bonita” ou “feia”.(LEITE e CALLOU, 2002, p.57)

Percebemos que as comunidades 13 de Julho e Santa Maria não fogem dessas contradições: é fácil saber quem exerce o papel de dominante e dominado, basta apenas observar a pluralidade na forma de falar das comunidades pesquisadas comparando-as com o que sociedade culta aceita.

ASPECTOS LINGÜÍSTICOS NO BRASIL

O Brasil é um país de grandes extensões territoriais, fato que propicia uma enorme diversidade de dialetos. Nesse contexto é que se firma a variação cultural de todos os falantes da língua brasileira, sabendo que dessa forma não existe lugares ou regiões onde se fale melhor ou pior o português brasileiro.

As discriminações preconceituosas acerca de temas como a cor da pele, o tipo da raça, e a opção religiosa, são acompanhados pelas discriminações nas formas de se falar. Esse polêmico assunto existe principalmente pelo fato de respeito às classes sociais de prestígio, juntamente com o apoio constante dos mecanismos de informação ou gêneros textuais criados recentemente, têm para com as pessoas ou comunidades que não puderam ou não conseguiram obter ao longo de suas vidas, que é uma educação de qualidade e oportunidades sociais, dessa forma eis aí mais um preconceito na vida do cidadão brasileiro, o preconceito da fala ou lingüístico.

Muitos jornalistas de editoras famosas dedicam-se a atacar com suas publicações, pessoas de influência nacional, como é o caso do presidente Luís Inácio Lula da Silva,

acusado de cortar letras das palavras usando supostamente a lei do menor esforço, como comentam os livros gramaticais.

Estudos realizados pelo lingüista Marcos Bagno, discutem sobre os fundamentos desse preconceito da fala em relação a uma dominação feita por quem tem nas mãos os aparelhos que espalham pelo país todo tipo de informação que são: a televisão, rádio, internet, etc. Em seus estudos Marcos Bagno afirma que pela maneira como são retratadas as questões, a discriminação tem mais caráter financeiro e social do que explicitamente lingüístico, chega mesmo a dizer que o preconceito acerca da língua não existe, mais sim o preconceito com a condição de vida das pessoas que sofrem essa exclusão.

A linguagem e todos os instrumentos de controle e constrangimento social, talvez seja o complexo sutil, principalmente quando se diz respeito às forças de repreensão e controle da vida e atitudes dos cidadãos. Isso é ainda pior quando esses tais cidadãos pertencem a uma classe social desfavorecida. E tudo isso é ainda perigoso pelo fato de que a língua é parte constitutiva da identidade individualista e socialista de cada ser humano. Dessa forma, acusar alguém de não saber a sua própria língua materna é algo inadmissível tanto quanto dizer que alguém possa enxergar de olhos vendados. A relação de uma pessoa com sua língua materna é mais do que o simples uso da mesma, levando em consideração que após o nascimento uma das primeiras coisas que o ser humano aprende é falar, então não se pode julgar alguém pelo seu modo de se expressar, sabendo que a comunicação verbal não tem nada a ver com a forma padronizada de se escrever, porque esta é que deve e tem que ser regulamentada para que pessoas de lugares distintos, no sentido regional, não sintam dificuldades de interpretarem-se uns com os outros.

A comunicação entre as pessoas é algo que depende muito do meio onde cada falante se manifesta e habita, ou seja, depende do seu meio social. Isso significa dizer que a língua falada não é algo independente, ela esta subordinada a pessoas que fazem o uso que querem ou aprenderam dependendo de cada grupo socioeconômico. Sem a presença de um falante não existe língua ela é uma atividade social que varia de forma e muda de

acordo com a sincronia histórica. Está sempre em fase de transição e isso pode ser observado no cotidiano quando palavras são modificadas, acrescentadas ou suprimidas conforme o momento histórico. Pense como exemplo disso até mesmo palavras estrangeiras que são colocadas no dicionário da língua portuguesa porque foram caindo no uso popular com o auxílio da própria mídia, que faz uma contundente crítica contra os diversos dialetos existentes em um só país, como é o caso do Brasil.

Uma demonstração mais nítida onde se pode ver que o caráter do preconceito é social, é a concepção de “erro”. Integrantes das camadas privilegiadas da população que descobrem o erro na língua falada dos cidadãos que compõem as classes menos favorecidas ou até mesmo de sua própria classe, tais indivíduos não pertencem ao mesmo grupo coeso, provando que mesmo com uma diferença mínima sempre existe uma procura por aspectos que façam pessoas se sentirem “melhores” do que outras.

Quando o erro passa a ser usado pelos falantes mais letrados, ocorre um esquecimento do sentido de erro, e dessa forma tal palavra ou termo não mais é vista como fora dos padrões da forma correta mesmo que esteja contrariando os conceitos formados pelas gramáticas normativas. Se duas pessoas falarem o mesmo “erro”, porém uma delas é proveniente da zona rural sem sombra de dúvida a crítica cairá sobre esta justamente pelos seus precedentes sociais.

O histórico das sociedades e das línguas em torno do mundo concretiza que para existir uma mudança radical sobre os conceitos de “língua certa” e “língua errada”, é necessário que exista também, ao mesmo tempo uma grande e radical modificação das relações sociais como aconteceu na França após a Revolução Francesa.

O Brasil não soube tratar desse assunto usando como espelho os relatos de uma história que em função de sua especialidade permaneceu até os tempos de hoje como o caso do presidente Lula que foi e ainda é criticado por uma minoria dominante que não aceita o fato das origens sociais do mesmo. Mas que para os menos credibilidade quanto à importância social não o viam como um vilão e sim como alguém que fala uma linguagem

mais próxima da maioria e não cria uma barreira para o discurso político por ele apresentado.

A norma culta apresenta uma enorme dificuldade pelo simples fato de representar ao mesmo tempo, dois conceitos opostos, ou seja, uma dualidade no que se refere à língua que falamos e que escrevemos. O primeiro desses conceitos é muito mais um preconceito. É o que chamamos de senso comum. Ele circula amplamente na sociedade, segundo Marcos Bagno. “É o preconceito de que existe uma única maneira “certa” de falar a língua, e que seria aquele conjunto de regras preceitos que aparecem estampados nos livros chamados gramáticas”. (BAGNO; 2003; p.43).

VISÃO GERAL DO BAIRRO 13 DE JULHO

Antiga Praia “Formosa”, o local que já foi um bucólico recanto de pescadores é hoje o bairro 13 de julho.

A Praia Formosa como era chamada antigamente não possuía a beleza que o bairro 13 de julho possui hoje, com seu cenário moderno, ruas e praças bem cuidadas, mansões e prédios de luxo. Porém, nem sempre foi assim, mas os moradores ainda guardam na lembrança, as aventuras vividas na Praia Formosa. O tempo do banho na perigosa “Quatro Bocas”, as choupanas de pescadores e dos poucos aventureiros que se deslocavam para a região da praia.

A Praia Formosa não possuía infra-estrutura, as ruas do bairro eram todas de piçarra e com muitas lagoas, afinal tudo era mangue que aos poucos estavam sendo ocupado. O acesso ao bairro se dava pela marinete, para se ter uma idéia, a marinete que dava acesso ao local tinha como final de linha o ponto onde agora está instalado o posto Aracaju, já na entrada da Avenida Anísio Azevedo. Mesmo assim ela fazia apenas uma volta pelas avenidas entrar nas ruas dos bairros, nem pensar.

Em uma entrevista realizada na década de 70 pelo Jornal Gazeta de Sergipe, a dona de casa Arminda Faria Rocha, que na época estava com seus 58 anos, morava na 13 a 54 anos, tempo suficiente para lembrar do esquadão onde os animais eram enterrados e onde hoje existem os prédios públicos em frente ao Batistão, na rua Vila Cristina.

“Na época muitas invasões foram retiradas e os moradores foram indenizados para dar lugar aos ricos que estavam simpatizando com o bairro para morar, apesar dos contratemplos”, lembra dona Arminda a quantidade de lama era mesmo de afastar qualquer um das redondezas”.(GAZETA,1971)

A predominância dos mangues era tamanha, que por muitas vezes, dona Arminda abastecia a família com os alimentos que vinham da maré.

“Meus filhos cresceram num ambiente natural, sem poluição e sem o mau cheiro dos esgotos. A coisa mais fácil era capturarmos um caranguejo dentro de casa, que ia direto para a panela tudo era motivo de graça, porque as crianças faziam daquilo uma brincadeira para pegar o bicho e depois comê-lo “(GAZETA,1971)

Outro morador não tão antigo quanto dona Arminda, mas cheio de lembranças dos seus 25 anos de 13 de julho é o “Galego”, ou melhor, o comerciante Jailton Veríssimo Cardoso, 50, proprietário do bar batizado com o mesmo apelido do dono.

O lugar era bom demais e felizmente meu filho conseguiu alcançar a beleza e os prazeres de jogar bola numa croa vazia da maré. Hoje tudo está diferente e nem mesmo apreciar a paisagem é possível por causa do mau cheiro dos esgotos que fizeram no bairro 13 de Julho. “(GAZETA,1971)

Todo o respeito de quem freqüentava a Praia Formosa estava concentrado no banho das quatro bocas, numa área sobre o canal, onde todos queriam pular da ponte para nadar, algo perigoso e que provocou a morte por afogamento de muita gente. Mas o bairro 13 de Julho também traz consigo recordações de festa e de muita animação, pontos que fizeram época, a exemplo do Largo do Rádio Amador e da Praça Getúlio Vargas, depois apelidada

de Praça de Mini-Golfe, em função do bar que funcionava no local. E dos brinquedos instalados para a garotada e que lembravam um campo de golfe.

Quando se fala em animação também não se pode esquecer do late Clube de Aracaju e do Cotinguiba Esporte Clube, dois pontos de referência para o bairro, está limitado ao Norte com a avenida Augusto Maynard; ao Sul, com o bairro Salgado Filho; ao leste com o Rio Sergipe e a oeste com a rua Vila Cristina, situando-se abaixo do nível do mar, fato que provoca verdadeiras inundações na área do japãozinho, a parte mais baixa do bairro, cujos moradores eram pobres.

Maria de Lourdes Santos, 74, poderia ser mais uma senhora aposentada que mora em Aracaju se não tivesse vivido todo esse tempo na Praia 13 de Julho, se tornando uma prova viva de grande parte da história da praia de pescadores que ficou famosa por ser Formosa. “Foi aqui que nasci, me casei, criei meus filhos e agora cuido dos meus netos”.

Viver de lembranças somente não é possível, mas ela guarda na memória todo o progresso que chegou por aquelas bandas e transformou o bairro.

“ O bairro praticamente nasceu nas imediações da rua Júlio Santana que era a antiga Rua do Mulungu. Eram casa de taipa, sítios de coqueiro e viveiros de peixe, isto sem falar nas salinas tudo se resumia da rua João Calazans para a pista da Beira Mar e só. De onde é a rua Álvaro Silva em diante incluindo a rua Celso Oliva, tudo era um grande canal onde o esgoto era despejado.” (GAZETA,1971).

As lembranças de dona Lourdes somam-se as dos cinco filhos, todos criados no bairro onde até hoje mantém suas recordações que o dinheiro não paga.

A 13 de Julho de 1934, a cidade de Aracaju, até então província amanheceu em completo reboliço com tropas do Exército deslocando-se para a Praia Formosa, a fim de combater o inimigo que avançava pelo mar, deixando a população atônita sem

compreender, conseqüentemente, o que ocorria. Sergipe entrava sozinho, solidário com a revolução de 1924, que naquela época completava 10 anos. As tropas foram deslocadas também para as fronteiras de Sergipe, e segundo informações de pessoas idosas, Neópolis, uma das cidades fronteiriças do nosso Estado, ofereceu grande resistência durante vários dias, aos combatentes do Norte que estavam aquartelados em Penedo, armados em barricadas.

Na parte Sul- segundo os mesmos informantes - o deslocamento de soldados foi um tanto deficiente, devido à esperança que Sergipe depositava nos homens da Bahia.

Mas, por incrível que pareça, os nossos vizinhos possibilitaram a entrada vitoriosa do movimento contrário, justamente pela fronteira sul, que mal armada não pôde conter os adversários.

Do lado esquerdo da Praia Formosa, exatamente onde é hoje o late Clube de Aracaju, as tropas fizeram o seu “GQ”. Os soldados armados com canhões, metralhadoras, fuzis, revólveres e outros instrumentos mortíferos, concentraram-se na curva que o Rio Sergipe faz para o lado direito em direção ao mar. Durante 21 dias, as tropas aquarteladas na Praia esperaram o temido visitante – afirmavam que ele viria utilizando navios ou mesmo submarinos – mas nada registrado. Enquanto a pressão maior dos soldados concentrava-se na Praia Formosa, a fronteira norte conseguia resistir, a sul permitia a entrada do inimigo em Aracaju, e este de imediato, tomou o palácio do Governo. Foi então que a data de 13 de Julho ficou na história desde 1934, mas somente em 1962 foi que as autoridades resolveram denominar a Praia Formosa de bairro “13 de Julho” nome que até hoje continua.

VISÃO GERAL DO BAIRRO SANTA MARIA

A comunidade Santa Maria (denominada Terra Dura em princípio) vem de uma tradição de vida totalmente inversa ao bairro 13 de julho. Ou seja; trata-se de um bairro que surgiu num terreno baldio enorme e que era bastante freqüentado por catadores de lixo, possuindo um baixo poder aquisitivo e utilizavam produtos que eram jogados pelos moradores de bairros próximos, não possuindo então escolaridade. Os veículos da prefeitura conduziam os diversos resíduos tendo esse local como destino final.

Adultos e crianças de toda faixa-etária, fazia uso desse lixo para sobreviverem, utilizando-se das comidas que já eram jogadas fora por não ter o seu consumo permitido em virtude do prazo de validade constar como ultrapassado. Corriam riscos de intoxicação alimentar e outros distúrbios inerentes ao consumo inadequado destes alimentos. Era comuns crianças e adultos com a barriga dilatada por possuírem vermes, muitos se acidentavam, manipulando os resíduos e se deparando com vidros quebrados, pregos e todo tipo de material cortante.

Não havia nenhuma forma de prevenir os acidentes, inclusive lixo hospitalar eram descartados juntamente com o lixo doméstico, os mesmos eram obrigados a catar o lixo para se manterem vivos, apesar de estarem sempre em contato com materiais contaminados.

Esse difícil meio de sobrevivência foi aos poucos atraindo mais pessoas. Então para demarcar seu território, os pioneiros começaram a erguer seus barracos nas imediações do “lixão”, de forma inadequada, sem nenhuma infra-estrutura, surgindo então uma invasão. Com o passar dos anos estes barracos foram substituídos por casas, ficando a prefeitura impossibilitada de reagir ao crescimento desordenado. Por isso o bairro ficou muito tempo a mercê das autoridades, sendo ignorados por todos os segmentos que compõe uma sociedade aparentemente justa e igualitária.

Muitos movimentos foram feitos em prol de melhoras para essa comunidade que foi se transformando em um bairro. Após muitos anos de protestos e reivindicações direcionados aos poderes públicos, os mesmos decidiram rever essas questões prioritárias

e tentar dignificar a vida desses moradores que foram os responsáveis pelo surgimento do atual bairro Santa Maria.

No local antes destinado ao lixão a céu aberto, surgiu então, uma cooperativa de catadores trabalhando com o processo de coleta seletiva, para fins de reciclagem e criou-se um acesso restrito ao local.

O lixo hospitalar (infectante), é segregado em uma vala séptica específica para este fim, separando dessa forma do lixo doméstico.

Claro que isso não foi definido porque o poder público sensibilizou-se com a causa. Na verdade esse bairro localiza-se nas imediações do Aeroporto de Aracaju, em decorrência do acúmulo de lixo, os excessos de urubus provocavam inúmeros acidentes em contato com as hélices das aeronaves.

Atualmente o bairro possui muitos problemas oriundos do seu crescimento acelerado e desordenado. Mas, algumas medidas estão sendo tomadas em relação às melhorias para a população residente no bairro.

Algumas empresas privadas estão participando dessas transformações em parceria com o governo estadual e federal, juntamente com outros órgãos de grande relevância com o objetivo de incluir essas pessoas na sociedade, proporcionando-lhes uma vida digna. Principalmente em relação à questão educacional, cuja grande preocupação não é apenas a inserção dos alunos nas escolas, mas a permanência dos mesmos no âmbito escolar.

VARAÇÕES LINGÜÍSTICAS: SANTA MARIA X TREZE DE JULHO

Os bairros Santa Maria e 13 de Julho, objetos de nossa pesquisa, demonstram o que não é diferente no resto de todo país, aprofundando nos diferentes planos e objetivos de vida dos moradores das duas comunidades, observa-se muitos fatores que distinguem as

necessidades de cada um deles. Encontrar as diferenças entre os dois bairros não é algo que só possa ser verificado a partir de uma pesquisa, isso significa dizer que sem um objetivo mais aprofundado, qualquer pessoa pode ver que partindo do quesito moradia ao social muita coisa se distingue nas vidas dos povos que integram os bairros Santa Maria e 13 de Julho.

O bairro 13 de Julho é um representante de uma dominação tanto social quanto lingüística e está localizado em uma região da capital bem privilegiada, ou seja, um local que tem fácil acesso aos principais pontos e serviços urbanos. Enquanto que a comunidade Santa Maria encontra-se bem distante da sociedade em quase todos os fatores. Isso interessou para a pesquisa no que diz respeito ao entendimento de como se estigmatiza e determina a qualidade do indivíduo pelo modo de falar. A pesquisa mostra quais são os fatores que contribuem diretamente para a estigmatização entre cidadãos falantes de uma mesma língua como também o motivo que faz com que elas sejam discriminadas.

A partir de entrevistas feitas as duas comunidades podemos detectar os principais motivos que contribuem diretamente para existência do preconceito lingüístico. As variações lingüísticas encontradas no conjunto Santa Maria, aliadas à ignorância social fazem com que seus moradores sofram com as exigências principalmente do mercado de trabalho, isso significa dizer que, no momento de uma apresentação para um emprego implicará na função que será exercida por cada pessoa. A maneira simples de falar juntamente com as variações que são típicas de comunidades pobres como a Santa Maria (arreie, arriba, coxinga) são motivos para expressões de repúdio.

Segundo relatos das entrevistas realizadas no conjunto Santa Maria, revelam que seus moradores sofrem ou já sofreram o preconceito lingüístico em vários lugares, porém onde mais ocorreu esse preconceito foi justamente no lugar onde deveria informar as pessoas do valor das variedades lingüísticas, na escola.

Muitas entrevistas chamaram a atenção pela surpresa de a escola se apresentar como o órgão onde mais se critica as formas de comunicação de indivíduos de classes

desfavorecidas. É impressionante como existe um descaso no ensino dos valores lingüísticos e culturais por parte dos planos sistemáticos da educação brasileira. A falta de um ensino voltado para a revitalização dos valores culturais que dêem suporte para a interação das diferentes culturas, promovem um verdadeiro atrito que pode ser observado mesmo com falantes de uma mesma classe social e cultural. Esses atritos ou desentendimentos surgem até dentro de um único grupo social pela falta de um entendimento de que até mesmo de uma família para outra pode existir uma pequena variação lingüística em pequenos termos usados.

As mesmas perguntas da entrevista foram direcionadas para o bairro 13 de Julho e a surpresa foi que o lugar mais comentado entre os entrevistados onde o preconceito lingüístico ocorre também foi na escola, entretanto no caso do Santa Maria as críticas acontecem em torno de palavras, geralmente, já o caso do outro bairro a maioria das críticas gira em torno de concordâncias frasais e acentuação.

No que diz respeito aos preconceitos ocorridos fora do ambiente escolar, é notório a dominância de uma minoria estabelecida sobre as classes mais baixas nos âmbitos de lazer e comércio. Dentre as perguntas feitas na entrevistas, foi possível detectar que as classes baixas são alvo de crítica sob acusação de não saberem falar correto. Isso demonstra uma pretensão de querer dominar a partir da posição de comprador ou consumidor como também de detentor de órgãos ou empresas de atendimento.

As pessoas simples e de escolaridade muitas vezes inferior ao primário, são subordinadas pelo tipo de profissão que exercem e, segundo relatos sofrem agressões verbais de seus patrões, porém a humildade, característica da maioria dos pobres, não permite que essas pessoas possam reivindicar e defenderem-se dos ataques preconceituosos dos ditos cultos. A passividade juntamente com a falta de valorização da própria cultura faz com que pessoas humildes aceitem a imposição preconceituosa de que a forma correta de se comunicar seja privilégio de pessoas que têm uma escolaridade e aquisição financeira altos, para eles quem sabe falar difícil tem que exercer funções em

escritório ou empresas de qualquer porte, enquanto que quem é pobre deve ser sempre comandado.

As famílias das duas comunidades seguem um padrão, com raras exceções, que parece ser hereditário, ou seja, em relação ao conjunto Santa Maria, os filhos alcançam o mesmo grau de escolaridade e não dão muita importância ao estudo. Isso acontece geralmente pela necessidade de ter que trabalhar para também garantir sustento da família. Muitas vezes o pai é presidiário ou alcoólatra, o que dificulta as relações familiares. O oposto disso observa-se nos dados obtidos pela pesquisa, em que as famílias do bairro 13 de Julho seguem sempre o exemplo de seus anteriores, ou seja, estabelece uma educação voltada para um bom desempenho no mercado de trabalho.

São fatores como esses que propiciam uma dominância aquisitiva e por conseqüência disso acarreta nas questões culturais ocasionando o preconceito lingüístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada teve uma grande importância para o enriquecimento e aprimoramento de práticas investigativas, para o aprendizado e entendimento das questões que são abordadas pelos estudiosos a respeito do preconceito lingüístico. Conhecendo a formação de diferentes culturas e pluralização da fala que envolve a vida de cada um deles.

Observando de perto os motivos pelos quais existe essa estigmatização entre os bairros analisados chegou-se a conclusão que o brasileiro sabe o seu português, o português do Brasil que é a língua materna de todos que nascem e crescem aqui, e que nenhuma língua é falada do mesmo jeito, não existindo nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja “melhor”, “mais correta”, “mais bonita” que outra, temos que deixar de lado essa idéia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português, as variedades lingüísticas atendem as necessidades da comunidade de seres humanos que a operam.

Através da pesquisa realizada com os bairros Santa Maria e 13 de Julho, chegamos a conclusão que sempre é tempo e nunca é tarde demais para transformamos a realidade que nos cerca, para então termos consciência do valor cultural que cada indivíduo possui, mesmo que as condições sociais do país não favoreçam para o equilíbrio lingüístico da população.

Os autores pesquisados fizeram com que nossa leitura se voltasse para a reflexão e formação de opinião acerca dos temas sociolingüísticos, como também conhecer em nível de Brasil as particularidades lingüísticas que as gramáticas insistem em colocar em evidência como sendo a melhor forma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: O que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 15ª ed. 1999.

_____. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola Editorial, 3ªed. 2003.

LEITE, Yone; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2002.

LUCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística moderna.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

JORNAL **GAZETA** DE SERGIPE, 1971. (INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE).